

PENSAMENTOS

DA SEMANA

A humildade é uma porta por onde todas as almas podem entrar na grandeza.

HENRI LASSERRE

350 mil contos!

O Arcebispo de Nova Iorque comemorou há pouco os seus vinte anos de Bispo. quinze de Arcebispo e dez de Cardial; e nessa ocasião foi-lhe oferecido um banquete pelas autoridades, tendo sido único orador o governador do Estado: o qual governador, no seu discurso, pôs em relêvo a obra realizada por Sua Eminência em favor dos pobres e dos desempregados: na qual obra, durante 15 anos, foram distribuídos 18 milhões de dólares (isto é, mais de 350 mil contos), subindo a 202 as organizações de beneficência: pois que, só no ano passado, foram socorridas 14 000 famílias, e recolhidas 37 000 crianças órfãos de pai e mãe, sem casa e sem amparo de ninguém: e os hospitais, atualmente mantidos pelo Cardial, são 22, com uma frequência de 55 000 doentes, dos quais um terço é inteiramente tratado de graça...

... Mas a apostar que, se aquele tam benemérito Príncipe da Igreja sair daquela república para outras repúblicas, é capaz de ser corrido como o maior malfeitor deste mundo e do outro?!...

Ainda Guerra Junqueiro

Um dos nossos melhores diários memorou há pouco estas palavras memoráveis do autor dos *Simplex*:

No organismo português, como em todos os organismos sociais, a função capital, a mais alta, é a função religiosa. Deviamos dar à Igreja a liberdade e os meios necessários para que a desempenhasse integralmente... Na lei de Separação há mais do que asperas. Há garras e há colmillos. E enquanto lhos não quebrem, não pode nem deve haver paz em Portugal.

... Nunca é demais, realmente, relembrares estes pensamentos do... Profeta da Revolução...

A guerra bacteriológica

A Alemanha, que foi sempre visceralmente idólatra da guerra, e que conta no seu activo (ou no seu passivo?...) quatro guerras, por ela provocadas sem outra razão que não fosse o seu desejo de engrandecimento, — não há dúvida que se prepara quanto pode e quanto sabe... e quanto quer, apesar do tratado de Versalhes, para uma nova e quinta guerra: para a qual guerra que será medonhamente destrutiva, a Alemanha se dispõe a ter, como arma principal, a guerra bacteriológica, — semear micróbios da peste, e da tuberculose, e da lepra, nos maiores centros de população, para que assim, nessa horrível matança de inocentes, fique bem alicerçada e consolidada a grandeza da novíssima Alemanha!!!

... Pois se até já consta que « eles » teem andado em experiências, por Paris e Londres, a ver como hão de então se-mear aquelas pavorosas sementes de morte!...

UM REI FANÁTICO...

Há poucos meses ainda, tive o gosto de, nas colunas do *Correio do Vouga*, me referir a Horácio de Castro Guimarães, a propósito da publicação da sua novela *O Pintor de Santas*.

Hoje cabe-me anotar a recente brochura, elegante separata da revista Gil Vicente, de uma sua conferência sobre *Um Rei fanático*...

É, como facilmente se deduz, um estudo, curto mas persuasivo, sobre a figura tam injustamente caluniada de El-rei D. João III.

Bradava alguém, há pouco e neste jornal que era necessário pôr fim ao reinado da asneira para o que se impunha, como uma das mais necessárias emprezas a levar a cabo, desfazer os erros da nossa linda história.

Horácio de Castro Guimarães diz que leu, recentemente, em compêndios adotados nas escolas de instrução primária e sobre D. João III: « rei nefasto », « de inteligência acanhada » e com « o seu nome ligado às duas principais causas da nossa decadência e ruína — os jesuitas e a Inquisição ». « D. João III, diz outra História, rei fanático e pouco instruído, conseguiu que em Portugal se estabelecesse a Inquisição ou Tribunal do Santo Ofício para perseguir todos aqueles que não se submetessem à autoridade religiosa do Papa e crear desta forma, um novo sistema político ». « A Inquisição e os jesuitas contribuíram muitíssimo para a decadência de Portugal, atirando-o para uma melancolia profunda e cobrindo-o com o véu da ignorância, como convinha aos seus fanáticos ministros ».

E há ainda hoje quem doutamente seja capaz de repetir isto a-pezar das palavras criteriosas de Joaquim de Vasconcelos, Lúcio de Azevedo, António Sardinha, Carlos Malheiro Dias, Vieira Guimarães, António Sérgio, etc., — não esquecendo o francês Théodoric Legrand que sobre esse « prince intelligent et lettré comme l'avait été son père » tem palavras de simpática justiça.

Para censurar D. João III tem-se porfiado em querer desconhecer as circunstâncias nacionais e internacionais em que êle reinou. Ainda hoje se ataca a Inquisição e D. João III por a ter introduzido em Portugal, pelo barbarismo dos seus processos de investigação e de castigar, sem se reconhecer que a Inquisição foi um Tribunal regularmente formado onde serviam magistrados de maior idoneidade intelectual e moral de quem se não pode exigir

que pensassem e vissem fora dos costumes crueis do seu tempo.

Persiste-se ainda em esquecer ou não querer reconhecer que a introdução em Portugal do Tribunal da Inquisição foi o único processo de terminar com as execuções populares exercidas sobre os judeus e que atingiram o alto grau de tragédia nas carnificinas de 20 e 21 de Abril de 1506. Desta forma o Tribunal, produto de vontade de todo o povo, funcionava como medida de protecção dos cristãos-novos libertos agora da sanha popular para serem entregues a uma jurisdição regular.

E negar-se-á que foi o Tribunal da Santa Inquisição que impediu que a Portugal chegassem os revolucionários pregões da Reforma?

De resto, já no reinado de D. Manuel, o Venturoso, se pedia em Roma a instauração no país desse Tribunal, e o facto disso se conseguir apenas vinte anos mais tarde representa um verdadeiro triunfo da diplomacia do Rei Piedoso, esse rei que acusado de mau foi porém, o que acabou com as bárbaras penas de mutilação e marcas de ferro nos criminosos.

D. João III é por excelência o rei colonizador — D. João III, o colonizador devia dizer-se na história, conforme ensina Malheiro Dias. Aos jesuitas — vindos para Portugal no seu reinado — deve Portugal singulares serviços na obra da dilatação da Fé e do Império e na reforma do ensino.

A Universidade de Coimbra recebe estatutos e mestres novos; de lá sai nessa ocasião o lente João da Costa que vem para a Igreja de S. Miguel, em Aveiro.

É costume velho ensinar-se que com a expulsão e fuga dos judeus, Portugal perdeu riqueza imensa; inversamente que a Holanda, principal ponto de destino dos emigrados deve a estes a sua prosperidade económica, graças aos capitais por eles levados.

Felizmente que o grande Lúcio de Azevedo abordou este ponto, nalgumas páginas aparecidas a quando da sua morte recente, para com a sua argumentação insofismável e baseada, nos pôr de avizo contra essa atoarda histórica. Os cristãos novos, diz o eminente historiador das Épocas de Portugal Económico, não levaram para a Holanda

(Continua na 4.ª pag.)

O "raio da morte"

Um telegrama de Nova Iorque anuncia a seguinte maravilha fatal da nossa idade:

Nova Iorque, 14. — O célebre sábio e engenheiro Nikola Tesla anunciou que tinha descoberto o « raio da morte », que em sua opinião, tornará as guerras impossíveis. Esse raio, que terá uma força de cinquenta milhões de vóltios, poderá destruir uma frota de 10 000 aviões, a mais de 400 quilómetros de distância, e aniquilar instantaneamente exércitos de muitos milhões de homens. O « raio da morte » só poderá ser usado defensivamente, pois precisa, para ser produzido, de centrais eléctricas extremamente potentes. Essas centrais, situadas em pontos estratégicos, farão com que cada país fique rodeado dumha protecção semelhante à muralha da China. Os navios de guerra poderão ser providos de instalações apropriadas para destruir os aviões que os pretendam atacar.

... Será verdade?! E, se o for, dará o resultado desejado, — acabar com a guerra?...

Leproso voluntário

Um telegrama... que vale um poema:

Alexandria, 6. — Um médico grego, o dr. Lagondaika, residente nesta cidade, inoculou no próprio sangue o micróbio da lepra, para estudar, nos sintomas que tiver, o processo da doença, e o meio de a curar.

... Ainda há disto, bendito seja Deus!

MIGALHAS DE HISTÓRIA

A CARREIRA MILITAR DE SANTO ANTONIO

Na regência de D. Pedro II, por alvará de 24 de janeiro de 1688, determinou-se que Santo António assentasse praça no 2.º regimento de infantaria de Lagos: e, como todo o indivíduo, que se alistava no exército tinha de apresentar um fiador, que se obrigava a substituir, ou a fazer substituir o alistado, caso este desertasse, deram-lhe por fiador... a Virgem Maria. Um viajante e alferes inglês, Arthur William Cortingian, que esteve entre nós em 1778, conta, talvez exageradamente, que, no reinado de D. Maria I, foi apresentada uma proposta, para a promoção de Santo António a major, datada de 25 de março de 1777, pelo major «gregado do seu regimento, D. Hércules António Carlos Luis José Maria de Albuquerque e Araujo de Magalhães Homem (uff!)», « proposta que era acompanhada por 59 atestados, em que se comprovavam não só os milagres e outros serviços relevantes por êle prestados ao referido regimento, como não haver nota alguma, a seu respeito, nem de mau comportamento, nem de irregularidade por êle praticada, nem de ter sido açoitado, preso ou punido, durante o tempo em que serviu como soldado raso, e em que também se certificava que, durante os quâsem anos que havia sido capitão, constantemente cumprira os seus deveres, comportando-se em tudo o mais como fidalgo e oficial». Não se sabe, porém, se efectivamente chegou a ser promovido a este posto de major: mas conta

(Continua na 4.ª página)

Gente Nova

Um semanário amigo inseria há pouco esta « solta », que para muitos é... o próprio demo à solta... numa república:

Em Valence, sob a presidência do bispo, Mgr. Pic, reuniram-se num congresso cerca de 2000 raparigas, representantes de 220 grupos diocesanos da Juventude católica feminina. Em Bourg, sob a presidência do bispo Mgr. Béguin, reuniram-se 4000 raparigas católicas no congresso das « Semeadoras ». Em Tunis, houve uma reunião de 600 raparigas da Juventude feminina da Tunisia, presidindo à sessão Mgr. Lemaître, arcebispo de Cartago. Na Saboia, realizaram um brilhante congresso as « Edelweiss », nome por que são conhecidas as raparigas católicas da Saboia. Enfim, na diocese de Bourges foi criada pelo prelado, o arcebispo Mgr. Izard, a Federação de todas as associações femininas juvenis, as quais seguidamente se reuniram em congresso no fim de Junho passado.

Irra! E' demais!

Nota da Secretaria do Bispado de Coimbra

Tendo muitíssimos Prelados do mundo católico, com imensas fiéis, pedido à Santa Sé a definição dogmática da Assunção gloriosa de Nossa Senhora ao céu, recomenda-se a todos os Párocos e fiéis desta Diocese que no próximo dia 15 de agosto façam preces especiais e apliquem as comunhões que fizerem, para se obter o mais depressa possível a graça desta definição dogmática.

PENSAMENTOS

DA SEMANA

Só a Religião dá a resignação, a coragem, e a esperança no sacrifício.

HENRI LAVEDAN.

Contra certo cinema incerto

Um telegrama dos Estados Unidos informa o seguinte... que segue e soma:

Nova Iorque, 14. — Um grupo de igrejas protestantes, compreendendo 22 milhões de fiéis, aderiu à campanha levada a cabo pela Liga Católica, contra a imoralidade de certos filmes.

A Igreja Católica... a maior condutora dos povos... e das religiões, levando assim a boque as religiões protestantes nesta luta contra o mau filme e mau cinema. Ainda bem!

Moçambique

A Exposição Colonial oferece-nos ensejo para darmos os seguintes informes, respeitantes ao movimento comercial da nossa provincia de Moçambique, os quais são extrahidos do magnifico volume recém-aparecido *A obra administrativa da ditadura em Moçambique*, referente ao periodo que decorre de 1927 a 1932:

Apesar de se estar em plena crise, a exportação subiu ainda do ano de 1931 para 1932 como é fácil verificar, pois o aumento acentuou-se na exportação do açúcar, que passou de 20 457 toneladas em 1925 para 48 872 em 1932; na do amendoim que passou de 11.124 para 32.278 toneladas; na copra, de 18.065 para 24.606; no gergelim, de 1.919 para 4.999; nas frutas frescas, de 1.140 para 9.336; no milho, de 7.080 para 25.015; no sical, de 2.946 para 12.291; no algodão em rama, de 692 para 1.142, e na castanha de cajú, de 1.542 para 9.180.

Números que falam como gente, para darem alegria a muita gente... e arrelia a certa gentinha!

Regresso ao bom senso

Um jornal esquerdista espanhol, vermelho como um carvão incandescente, confessou há dias que, em Espanha, já todos começam a reconhecer que foi um disparate perseguir as Ordens Religiosas, e que não há como as humildes Freiras para tratar de doentes nos Hospitais, etc., etc.; e, a propósito, aquele jornal, cõr de malagueta, conta que um Conselheiro da Deputação Provincial de Madrid, socialista de quarenta costados, dissera há dias... desdizendo-se do que já lá vai há tempos:

« Eu, que sou socialista, filho de republicano e homem das esquerdas tenho de declarar, ainda que me expulsem do partido, que as Irmãs teem de voltar ao Colégio de « Pablo Iglésias »; e faço-o, porque penso que os recolhidos estarão melhor tratados e serão mais carinhosamente velados por criaturas sob a disciplina religiosa, do que por mãos mercenárias de empregados e empregadas que tiram o ponto todas as manhãs e tardes e actuam conforme o estípidio que lhes dão. Tudo, antes que certo anti-clericalismo negativo de muitos republicanos da esquerda ».

A verdade anda sempre à tona de água... mesmo tinta de sangue!

SAL E PIMENTA

O grilo e a môska

História de todos os dias

A môska:

O grilo não tens vergonha
De morrer nesse buraco?!
Essa casa é uma peçonha,
Não vale nem um pataco!
Credo! Eu morria abafada,
Se me visse aí metida!
Sempre tens forte pancada
Em suportar essa vida!

O grilo:

Talvez, talvez, minha amiga!
O teu juízo é certo!
Realmente é uma espiga
Viver neste pardieiro!
Sempre aqui dentro, às escuras
Encajuado na terra,
Sem gozar nada as doçuras,
Que decerto o mundo encerra!

A môska:

Pois é isso! Se soubesses
O que há de bom lá por fóra,
Tinhas sómente interesses
Em deixar essa caipóra!
Porque não imaginas,
Nem fazes qualquer ideia,
Das coisas lindas e finas,
Que há fóra da nossa aldeia!

O grilo:

Então é porque já viste,
Minha grande felizarda!
Só eu é que sou um triste,
Sempre aqui, nesta mansarda!
Já quasi nem sair ousou
Do fundo da minha toca:
Tremo pelo meu repouso,
Porisso estou sempre à côca!

A môska:

Mas então as tuas asas
São só para as cantilenas?!
Não vás por essas casas
A espaiar as tuas penas?!
Pois, agora, faze-te alto!
Olha esse espaço infinito!
Vamos! Anda! Dá um salto!
Vem ver o bom e o bonito!

O grilo:

O grilo, suggestionado com tais
palavras, bem se esforça
o mais possível, coitado! agita as
asas, dá cabriolas, solta furiosos
«cri-cri», corre quanto pode,
aos saltos, já com a lingua de
fóra: mas por fim, esbaforido,
sem fôlego, cansadissimo e vexa-
dissimo, vê-se forçado a desistir
e a confessar, muito desconsola-
do, limpando o suor com o lenço:

O grilo:

Como vês, não tenho jeito!
Não sei voar, está acabado!
Até já me dói o peito,
E sinto-me agoniado!
Sou animal de cavernas,
Não sou môska varejeira:
Já nem me tenho nas pernas,
Vou buscar uma cadeira!

A môska:

Óra! Óra! E's um maricas!
Nem saltaste esse tapume!
Se tens medo, ó meu medricas,
Vai para o canto do lume!
Pois se tu tens asas grandes,
Bem mais fortes do que as minhas,
Porque é que nunca as expandes,
Por esses campos e vinhas?!

Olha que eu já fui um dia
(Com esta que é muita boa)
Sem susto, e com alegria,
Em viagem a Lisboa!
Não sei se tu acreditas
Neste passeio de estalo:
E' que eu fui às carrapitas
No passeio dum cavalo!

Nunca assim dei um passeio!
E o que eu vi lá na cidade?!
Andei sempre sem receio,
E na maior liberdade!
Visitei ruas e praças,
Vi policias e soldados,
Gente de todas as raças,
Jardins, estátuas, mercados!

Andei, como uma alfacinha,
A ver tanta e tanta cousa,
E depois, por sorte minha,
Vim no gerico do Sousa.
Agora tu, pobre amigo,
Que mal assomas à porta,
E em tudo vês só perigo,
Nunca saís da cêpa torta!

O grilo:

Não ha dúvida, tens sorte!
Tens sorte, e és de coragem!
Parece que nem a morte
Te estorva de qualquer viagem!
Enfim, foi a natureza
Que te criou desse modo:
Eu cá por mim, com franqueza,
Não tenho tanto denodo.

A môska:

Mas é porque tu não queres!
Não passas dum engerido!
E's como certas mulheres,
Tremes de qualquer ruído!
Ora então, para ensinar-te,
Meu desgraçado pateta,
Vais já ver a minha arte
Na ciência da pirueta!

A môska executa então vôos
prodigiosos e reviravoltas medon-
has: sobe ao cimo dum pin-
heiro, pendura-se do badalo
dum sino, desce ao fundo dum
poço: o grilo, aterrado e embas-
bacado, arregala os olhotos quan-
to sabe, e chega até a pôr os
óculos, para poder saborear tais
maravilhas: mas sempre encolhi-
do, e cá de bem longe, a ver
quando a môska se precipita e
esborracha no solo: e apenas
ela finda, e vem ter com ele, o
grilo então não se contém, e bate
as palmas com entusiasmo delir-
ante, gritando:

O grilo:

Bravo! Bravo! Bravo! Bravo!
O valente saltimbanca!
Mesmo sem ganhar um chavo,
Quem é que te desbanca?
Até parece de fogo!
Não tens sangue, tens azougue!
Eu por mim caia logo!
Era carne para o açougue!

Nunca assim vi um arrôjo!

E's digna de maior fama!
Só eu... é que ando de rôjo,
Na poeira e sobre a lama!
A natureza madrastra
Condenou-me a este fado...
Mas enfim... por hoje basta,
Vou descansar um bocadito.

A môska:

Espera! Espera! Não vás ainda,
Não são horas de descanso!
Vais ver uma sorte linda,
Que eu te vou mostrar, meu tanço,
Vais ver que não tenho medo
Nem do pior bicharoco:
Que para mim é brinqueado
Qualquer pontapé ou sóco.

A môska, depois de dizer isto
em ar de basôfia, vai zumbir
dentro da orelha dum cevado,
que logo se espolinha no chão,
com grunhidos formidáveis de
aflição: depois vai ela passear
na careca dum homenzinho, que
se farta de dar palmadas na ca-
beça, sem nunca a apanhar: o
grilo ao ver tais coisas, ri, ri,
até chorar, já sufocado, e com
uma dôr na barriga, ao ponto
de lhe estalarem os suspensórios:
e a môska cada vez mais endia-
brada e sempre contentissima,
vai ainda meter-se nas narinas
dum pobre jumento, que dá dois
pinotes de légua e meia, e um
espírito como um trovão, para
a botar fóra: a môska cai de can-
galhas, e fica meio atordoada,
mas não querendo dar parte de
fraca, anuncia ao grilo a última
sorte, a tal sorte linda, de que
lhe falou há pouco:

A môska:

Agora é o melhor da festa,
A suprema habilidade!
Levanta bem essa testa,
Para veres a verdade!
Vou voar às arrecuas,
Sem receio dos escolhos:
Depois vou por essas ruas,
Mas tendo tapado os olhos!

A môska, efectivamente, colo-
ca um pano sobre os olhos, dá-
lhe um nó atrás da nuca, e põe-
se a voar, às arrecuas sempre,
que é para o grilo ver que ela
leva os olhos bem vendados: e
o grilo, cada vez mais em assom-
bro, admira a perfiça, com que
ela voa dum lado para o outro,
dando voltas em todas as dire-
ções: e então, maravilhado,
mas com uma pontinha de inveja,
murmura baixinho, só para os
seus botões:

O grilo:

Ai ser assim quem me dera!
Quem me dera tal fortuna!
A vida assim é austera?!
Talvez! Mas não é importuna!
Só eu, vivendo ao acaso,
Nada faço que se veja!
Ora, perante este caso,
Não hei-de eu sentir inveja?!...

Mas nisto, a môska dá um
grito, dá dois gritos, grita sem-

União Nacional

Fizeram a sua inscrição neste
organismo os seguintes Senhores
do concelho de Ovar, freguesia
de Macêda:

Salvador Dias Vieira, carpin-
teiro; Duarte dos Reis Oliveira,
comerciante; António Alves Cor-
reia, lavrador; Manoel Marques
de Sá, proprietário; Manoel Alves
Correia, lavrador; Sebastião Pinto
dos Reis, lavrador; José Pinto
Granadeiro, tanoeiro; José Lopes
Valada, tanoeiro; Manoel Fran-
cisco da Silva Joga, tanoeiro;
Manoel Godinho da Silva, tanoeiro;
Manoel Alves Jorge, proprietário;
Joaquim Rodrigues Adrego, prop-
rietário; António dos Santos
Graça, proprietário; Joaquim de
Sá Pinto, industrial; Manoel Mar-
ques da Costa, lavrador; Manoel
Marques da Costa Rios, tanoeiro;
Serafim Gomes dos Santos, indus-
trial, Manoel Pinto da Silva, ven-
dedor ambulante; Alfredo Mar-
ques Rios, tanoeiro; António
Francisco da Silva, tanoeiro; Sera-
fim da Costa Godinho, lavra-
dor; José Dias da Silva, tanoeiro;
Manoel Francisco da Silva, tan-
oeiro; Agostinho Ferreira dos
Santos, negociante; Joaquim de
Sá Pinto de Oliveira, José Gomes
da Silva, lavrador; Salvador Ro-
drigues dos Santos, proprietário;
António José Gomes, tanoeiro;
António Alves Vieira, tanoeiro;
Júlio Dias da Silva, tanoeiro;
Manoel José Gomes, tanoeiro;
Salvador José Gomes, agricultor;
José Pinto, tanoeiro; José Gomes
dos Santos, tanoeiro; Manoel
Gomes dos Santos, tanoeiro; António
Ferreira, trolha; Justino Rodri-
gues Pereira, lavrador; António
Alves Pranta, tanoeiro; Manoel
Lopes R. Belo, lavrador; Manoel
Alves Ferreira, lavrador; António
Joaquim Rodrigues da Costa, tan-
oeiro; Evaristo Ferreira, trolha;
Padre Domingos de Oliveira Ma-
gina; Joaquim Francisco Rodri-
gues, carpinteiro; Manoel da Costa
Lemos, tanoeiro; Américo Fer-

Julgado Municipal de Vagos

ANUNCIO

ÉDITOS DE 30 DIAS

2.ª Publicação

Pela quarta secção da Secre-
taria Judicial da comarca de
Anadia e na acção sumaria co-
mercial, proposta por Santiago
Alho Alves Mendes, casado,
comerciante, do lugar de Sá,
freguesia de Sangalhos, da-
quella comarca, contra Benito
Alvarez Gonzalez, solteiro, co-
merciante, desta vila de Vagos
correm éditos de trinta dias, a
contar da segunda e ultima
publicação do respectivo anun-
cio, citando aquele Benito Al-
varez Gonzalez actualmente
ausente em parte incerta para
dentro de dez dias, depois de
findo o prazo dos éditos, im-
pugnar, querendo, a referida
acção, sob pena de, não o fa-
zendo, esta prosseguir á sua
revelia.

Vagos, 7 de julho de 1934.
O Escrivão, João Simões
Ferreira.

Verifiquei.
O Juiz do Julgado Municipal
de Vagos, José Reinaldo Ca-
listo Moreira.

CESAR CARDOSO
ADVOCADO

Com escritórios na Fo-
gueira, todos os dias até
às 11 da manhã; de tarde,
em Anadia, em frente
ao estabelecimento
comercial do sr. José
: : : d'Almeida : : :

reira Mendes, lavrador; José Ro-
drigues Adrego, tanoeiro; Joa-
quim Ferreira Mendes, lavrador;
António Francisco de Rezende,
lavrador.

PENSÃO CENTRAL
CALDAS DE S. JORGE
VILA DA FEIRA

Aberta desde 1 de Junho a 31 de Outubro

Esta Pensão recomenda-se pelo seu bom tratamento, excelentes instalações eléctricas e primoroso acelo.

Culinária portuguesa de primeira ordem
Pastelaria fina, tabacos, champagnes e vinhos finos
Vinhos branco e tinto dos melhores da região

Gerência:

Casa Maximino, de Carregosa

pre, grita cada vez mais, horro-
rosamente, pavorosamente, lan-
cinantemente: e o grilo, com o
coração aos pulos, olha, e a
princípio não percebe: mas de-
pois repara melhor, e vê que a
môska fôra de encontro a uma
pequena giesta, onde um aranhão
fizera o ninho, e lá ficara presa,
e bem presa na teia: e então,
pálido como um defunto, o grilo
corre logo para o interior da
sua toca, e mesmo de lá ouve a
môska a berrar:

A môska:

Ai! Ai! Quem é que me acode!
Ai! Ai! Quem é que me vale!
Que a minha arte não pode
Livrar-me agora do mal!
Ai! Ai! Onde o meu orgulho,
— Essa soberba tamanha! —
Vem acabar sem barulho:
Em reles teia de aranha!!!

Ai! Ai! Quem é que liberta,
Ai! Ai! Quem é que desata
Uma môska, que é tão esperta,
Desta rede em que se mata?!
Ai! Ai! Quem me dera agora,
Quem me dera por asilo,
Em tão miserável hora,
A simples toca dum grilo!!!

O grilo, passado minutos,
a revê-se a meter a cabecita fóra
da cov., e avista então este es-
pectaculo horrível: um aranhão
enorme, de garras de milhafre,
a comer vorazmente a vaidosa e

infeliz môska, e a limpar os bei-
ços ao pano com que ela cobrira os
olhos: e depois ouve-o rir e ex-
clamar em voz de trombone:

O aranhão:

Sério, sério, não contava
Ter hoje tam rico almôço!
E até mesmo imaginava
Ter de roer algum osso!
Final esta imprudente:
Veio cair no meu laço:
E eu papel-a com bom dente,
Não ficou nem o espinhaço!

O grilo, fóra de si, recolhe-se
lá muito para o fundo do seu
covilinho, e filósofa desta ma-
neira bem certa e verdadeira:

O grilo:

Grilo, aprende! Aprende, grilo,
A lição, embora tósca!
Ama o teu viver tranquilo,
Olha o destino da môska!
Não vendas o teu sossêgo,
Que ninguém paga essa troca:
Não sejas tolo nem cego,
Tem amor à tua toca!

E aprendei também, ó môskas,
Este conselho profundo:
Fugi de cair nas roscas
Das teias, que há pelo mundo!
Não brinqueis, ai! não brinqueis
A' moda dos parvalhões,
Que em toda a parte achareis
Aranhões... e arranhões!

DOUTOR FORTE VINAGRE.

Correspondências

Bom Sucesso (Aradas) 10.

O nosso Rev. Vigário está or-
ganizando, nesta freguesia, uma
excursão em camionetes, á cidade
do Porto, no próximo dia 1 de
Agosto, a-fim-de visitarem a Ex-
posição Colonial Portuguesa.

Todas as pessoas que puderem,
não devem perder esta oportuni-
dade, não só porque os preços de
ida e volta são convidativos, mas
também porque a Exposição Colo-
nial é um acontecimento, que tem
atraído ao nosso país, milhares
de pessoas estrangeiras.

Todos aqueles que tencionem
tomar parte, devem dar os seus
nomes sem demora ao nosso Rev.
Vigário.

— Passou para o 7.º ano, no
liceu José Estevão, o nosso con-
terraneo, Alvaro Enrico Gonçal-
ves, filho do sr. tenente Gonçal-
ves, pelo m-nos, de Sôza, Boco e Ouca.
Os emissores toram muito bem
recibidos pela digna comissão admi-
nistrativa que prometen mandar
imediatamente não só fazer as
necessárias reparações na fonte,
mas também estudar os serviços
da electrificação. Todos retiraram
muito bem impressionados.

— Como já aqui disse-
mos, vão ser de festas na nossa
terra os dias 28, 29, 30 e 31
proximos. O programa que se nos
apresenta é variado e atraente,
devendo trazer aqui muitos foras-
teiros.

A parte religiosa que nos dias
29 e 30 constará de missa solene
a grande instrumental pela or-
questra da Musica Velha de Fer-
mentelos, sermão por um conhe-
cido orador sagrado e procissão
com Santissimo.

Nas festas externas tomam parte
as reputadas bandas de S. Tiago
de Riba Ul e Cucujães.

Que tudo corra bem, para socego
e bom nome da nossa terra, é o
nosso desejo.

C.

Chipar de Cima, 10

Realizou-se no passado domingo,
8 do corrente, neste lugar de Chi-
par de Cima, a festividade em
honra de Santa Marinha, que
constou como nos anos anteriores,
de missa solene e procissão, que,
na melhor ordem, percorreu o ite-
nerário do costume. Esta festivi-
dade, a que assistiu a musica dos
Covões, fez-se como era nosso de-
ver, sem violar as Constituições

do Bispado, ap-azar de algumas
notabilidades daqui se esforçaram
por transgredilas, querendo por
afrontar os católicos, trazer cá a
musica do Troviscal. Felizmente
a Ex.ª Comissão do Culto deu
a tempo as necessárias providên-
cias, e os homenzinhos tiveram de
reconhecer a sua nulidade. Que
lhes aproveite a lição. Ao menos
esta luta serviu para extremar o
trigo do joio, pois nela se viu quem
procurava glorificar a Deus, ou
afrontar a sua religião. E dizem-se
católicos, os tais!

— Tem estado bastante doente
experimentando algumas m-lhoras
o sr. Manoel António Rodrigues,
pai do Ex.ª Sr. Dr. Manuel A.
Rodrigues, desejamos-lhe um pr-
nto restabelecimento.

— Os milhos e as vinhas apre-
sentam um aspecto prometedor.

C.

Oiã, 16

Festeja-se nos dias 21, 22 e 23
em Aguas-Boas, Santa Margarida
com missa solene no dia 22, ser-
mão pelo Rev. pároco da freguesia
e procissão. Assiste a musica vel-
ha de Fermentelos.

— Vindo do Porto chegou á
nova escola de Aguas Boas (e
também á da Silveira) todo o ma-
terial didático necessario para o
ensino.

— Chegou ao lugar dos Carris,
vinho da América do Norte, o
sr. Rozendo Martins de Oliveira.
Cumprimentamo-lo.

— Diz-se que o Gémio dos
viti-vinicultores de Oliveira do
Bairro aceita propostas para a
aquisição de vinhos para a Fed-
eração respectiva, comtanto que
eles tenham as características le-
gais. Se assim é, muito bem. Mas
é aqui oportuno salientar que não
é justo que aos nossos vinhos seja
por lei exigida uma gradação
igual (11 gram) á dos vinhos el-
vadamente alcoholicos da Baira-
da. Tal exigencia é-nos prejudicialis-
sima, mesmo para o caso de os
vendermos á Federação, porquanto

com 4 divi-
sões, água e
luz. Aluga-
se na Rua de S. Sebastião,
Falar a Antonio Martins Perei-
ra, Rua de Santo Antonio, 54,
Aveiro.

C.

OSÉ DIAS JUNIOR

CIRURGIÃO DENTISTA

Consultas na Cúria,
às 3.ª, 4.ª, 6.ª
e sábados

OSÉ MOREIRA (Gorujera)

ADVOGADO

VAGOS

MARINHAS

Vendem-se as marinhas «Pri-
mavera» e «Catorze da Escada»
sitas no Canal do Matadouro.
Tratar com o dr. Alvaro Sam-
paio — Aveiro.

FARMACIA CENTRAL

RUA DOS MERCADORES — AVEIRO

Directores Técnicos: :: :: Augusto Gois :: ::
Farmaceutico

José Augusto S. C. Gois

Licenciado em Farmácia

Modernamente instalada, com um sortido completo de
especialidades farmaceuticas, produtos quimicos e dro-
gas medicinas, tem também uma excelente secção de
perfumarias das principais casas da especialidade tanto
nacionais como estrangeiras e bem assim artigos de
:: borracha, esponjas, águas minerais sendo portanto ::

A mais luxuosa :: :: A mais bem sortida

A mais económica

DE PORTUGAL E
DO ESTRANJEIRO

Grande parada regional no Pôrto. — Realizou-se no Pôrto, no dia 15, uma grandiosíssima parada regional: cerca de 15.000 pessoas, vindas de quasi todo o norte (Entre Douro e Minho), desfilaram pelas ruas do Pôrto, num percurso de três quilómetros, com seus trajes característicos, e dansas regionais, ao som dos mais diversos e típicos instrumentos. A multidão enorme, que assistiu ao cortejo, aplaudiu com entusiasmo, acenando com lenços, e, depois, todos os que haviam tomado parte na imponentíssima parada, foram visitar a Exposição Colonial, onde eram aguardados pelo Sr. Ministro das Colónias, Comandante da Região, Governador Civil, Presidente da Câmara, etc. Nesse dia visitaram a Exposição Colonial mais de 50 mil pessoas.

Futebol luso-brasileiro. — O grupo de futebol brasileiro, que veio à Europa disputar o campeonato do mundo, jogou em Lisboa com dois grupos portugueses, saindo vitoriosos em ambos os desafios: no último, o Sporting, campeão nacional, perdeu por 6-1.

Mortes na Alemanha. — Hitler diz que mandou matar — e ajudou! — só 77 conspiradores: mas o correspondente dum jornal espanhol, em Berlim, diz que foram 255!!!

Desastre em que é vítima a esposa do Sr. General Carmona. — Perto do Buçaco, foi vítima dum desastre o automóvel, em que viajava a esposa e netos do Sr. Presidente da R-pública, ficando todos mais ou menos feridos, mas sem gravidade.

Gréve em S. Francisco. — Foi declarada a gréve geral em S. Francisco da Califórnia: receia-se que se estenda a todas as cidades dos Estados Unidos: e recebem-se assaltos, e fome, e até a peste, sendo difícil, porém, evitar conflitos sangrentos da tropa com os revolucionários.

Homenagem da França a Portugal. — O governo francês prestou ba dias homenagem aos soldados portugueses voluntários da grande guerra, assistindo, em Baiona, à inauguração de placas comemorativas, e discursando Barthou, ministro dos estrangeiros.

15.000 contos! — A Comissão Central de Assistência do Governo Civil de Lisboa empregou em obras de assistência e caridade, desde o princípio da Ditadura até a abril último, cerca de 15.000 contos!

Soldado ferido. — Em Vendas Novas, explodiram três granadas, que estavam a ser descarregadas, ficando muito ferido um soldado, a quem foi amputado braço e perna.

Mendes Correia. — Já embarcou para Portugal o ilustre cientista Dr. Mendes Correia, que, no Rio e em S. Paulo, realizou importantes conferências, perante enormes e selectíssimos auditórios, sendo sempre objecto dos mais calorosos e merecidos aplausos.

Descarrilamento. — Próximo de Marvão, descarrilou o comboio-rápido, que seguia de Lisboa para Madrid: todos os passageiros ficaram mais ou menos feridos, mas de gravidade apenas um italiano, que sofreu lesões internas, um ferimento na cabeça e fractura de duas costelas.

Roubo de centos de contos. — Em Lisboa, foi vítima do roubo de vários títulos e dinheiro, no valor dalguns centenas de contos, uma senhora viúva: foram presas duas creadas, e diz-se que elas premeditavam matar a sua ama, para depois lhe tirarem tudo.

Manobras militares. — Realizaram-se ha dias, às portas de Lisboa, as manobras militares mais concorridas dos últimos anos: nelas tomaram parte 4.000 soldados, com todo o numeroso material de guerra moderno.

PARA LÁ DA FRONTEIRA

Notas e impressões

- Ainda a Alemanha e os últimos acontecimentos.
- Como Hitler justifica os fusilamentos ordenados.
- A raça alemã, raça eleita.
- Quem atacar o Estado paga-o com a vida.

Hitler fez reunir o Reichstag e perante essa assembleia, convocada para um teatro de opera comica, deu conta da tragédia de que foi, com Goernig e Goebbels, o personagem mais evidente.

Para quem foi a exposição feita? Para o estrangeiro alarmado com os acontecimentos sangrentos?

Mas, segundo a versão d'alguns relatos de jornais, Hitler declarou que não lhe interessava o que o estrangeiro dizia, pois que só lhe interessava a sorte do povo alemão.

A sorte do povo alemão é mais alguma coisa do que a sorte da nação alemã, o destino da comunidade politica germanica que ocupa no mapa da Europa posição respeitável.

A sorte do povo alemão é a sorte da raça teutonica, elevada, pela mística nazista prolongamento exaltado da doutrina imperialista do militarismo prussiano — a raça privilegiada, raça de sangue puro, de eleitos de Deus para dominio dos homens.

Deus é alemão, porque Deus sem a raça germanica não se compreende — Daí a opposição nazista à Igreja e às religiões que não subordinam a sua doutrina ao culto de tais princípios.

No ano passado, numa grande reunião nazista, afirmou-se a necessidade de condenar toda a subordinação aos dogmas religiosos — « a oportunidade histórica de suprimir o Antigo Testamento, de se abolir o crucifixo, de se aplicar imediatamente a doutrina do arianismo puro e de se educar a mocidade no culto dos heróis.

Personificação deste movimento é Rosenberg, nomeado — chefe da educação espiritual de todas as organizações — autor do livro *O mito do século XX*, condenado pela Santa Sé, figura que não vimos ainda afastada da proeminencia do seu cargo por occasião dos recentes successos e que portanto continuará a ser a alavanca principal da deschristianisação da Alemanha.

Eminentemente danosa sua acção, encontra pela frente a decidida e tenaz opposição do Cardinal Falhaber, arcebispo de Munich que ao abrigo da Concordata defende intemeratamente os direitos da Igreja e proclama a Verdade sem tibieza contra os desmandos do orgulho teutónico.

* * *

Hitler narra ao Reichstag o que era a conjura que ele sufocou antes de se manifestar.

E explica:

Tratava-se de fazer estabelecer um nacionalismo-bolchevismo e de pôr o exército ao serviço d'ele. Perante tais perigos é mister

que se saiba que quem atacar o Estado paga a sua audácia com a vida. Röhm chegou a preparar a minha própria morte; bastar-lhe-ia talvez a minha prisão durante vinte e quatro horas, enquanto os edificios públicos fôsem ocupados. A revolução era assim apresentada ao povo como capitaneada por mim próprio. Havia conveniências com o estrangeiro por intermédio de Von Detten.

O principio é pois este:

« Quem atacar o Estado paga com a vida a sua audácia ».

Os conjurados pretendiam atacar o Estado, por isso morreram. O principio mais se esclarece com este outro trecho do discurso:

O general Bredon era o correio de Schleicher. Strasser estava no conluio, por igual. Ao saber disto, decidi-me a pôr termo a uma revolução que poderia fazer correr o sangue de milhares de vítimas e resolvi partir para Wiese. A 29 de Junho recebi noticias alarmantes sobre o estado dos preparativos.

Berlim devia ser posta em estado de alarme no dia 30 e às 16 horas os edificios públicos seriam tomados de assalto. Estava em frente de uma conjura. Ora as conjuras julgam-se pelas próprias leis que as dirigem. Naquella hora eu era o responsável pelos destinos da nação alemã e era o juiz supremo do momento.

Em todos os tempos os motins se atacaram com as mesmas armas e dei ordem de fazer-se uso das armas à menor resistência. Quem se revolta, morre. Quem atraiçoa é fusilado. A reacção só se domina por uma maneira; não me interessa o que o estrangeiro pensa e diz: o que interessa é a sorte do povo alemão. Um diplomata estrangeiro disse-me que a conspiração de Röhm e de Schleicher não tinha importância; eu não tinha que discutir questões destas com diplomatas estrangeiros nem com qualquer país estrangeiro. Sou eu o único juiz da causa. Estava em face de traidores, concertados com o estrangeiro e dissimulando-me as suas manobras: mandei-os fusilar. Não me tornem a dizer que estes conspiradores não tratavam senão de ver o estado do tempo e dos astros.

Hitler, único juiz da causa, em face de traidores concertados com o estrangeiro, para evitar uma resolução que podia fazer correr o sangue de milhares de vítimas, numa hora em que era o responsável pelos destinos da nação alemã, resolve mandar fusilar os conspiradores, os chefes, porque as conjuras se julgam pelas próprias leis que as dirigem.

Assim se justifica o Fueher.

QUERUBIM GUIMARÃES.

O LIBERALISMO
É PECADO

Do livro — *O liberalismo é pecado* — de Felix Sardá, aprovado pela Santa Sé, extraimos o seguinte capitulo:

A razão intrinseca do chamado
Liberalismo Católico

Se bem reflectirmos, a essencia intima do Liberalismo chamado católico, por outras palavras, Catholicismo liberal, consiste provavelmente apenas num falso conceito do acto de fé.

Segundo o seu modo de pensar, os católicos liberais parece que fundamentam todos os motivos da sua fé, não na autoridade de Deus, infalivelmente verdadeiro e infalível, que se dignou revelar-nos o caminho unico que nos ha-de conduzir á bemaventurança sobrenatural, — mas na livre apreciação dum juizo individual, que lhes dita ser melhor uma crença, que outra qualquer.

Não querem reconhecer o magistério da Igreja, unico autorizado por Deus para propôr aos fieis a doutrina revelada e determinar-lhe o sentido genuino; antes, arvorando-se elles em juizes da doutrina, admitem a parte que bem lhes parece, reservando-se não obstante o direito de crer na contrária, sempre que razões apparentes pareçam provar-lhes ser hoje falso o que ontem aceitavam como verdadeiro.

Para refutação de semelhante teoria basta conhecer a doutrina fundamental *De fide*, exposta sobre esta matéria pelo Santo Concilio do Vaticano.

Demais chamam-se católicos porque creem firmemente que o Catholicismo é a unica verdadeira revelação do Filho de Deus; porém chamam-se católicos liberais, ou católicos livres, porque julgam que esta sua crença não lhes deve ser imposta a elles, nem a ninguém, por outro motivo superior, senão o da sua livre apreciação. Donde resulta que, sem o presentirem, o diabo lhes substituiu arteiramente o principio sobrenatural da fé pelo principio naturalista do livre exame; e assim, ainda que julgam ter fé nas verdades cristãs, não tem, mas apenas simples convicção.

humana; o que é essencialmente distinto.

A consequencia é que julgam a sua intelligencia livre em crer ou não crer, e igualmente livre a de todos os outros.

Na incredulidade, pois, não vêem um vicio, enfermidade ou cegueira voluntaria do entendimento e mais ainda do coração, mas sim um acto licito da jurisprudencia interna de cada um, tão senhor de si para crer, como para não admitir crença alguma.

Por isso condena-se com este principio o horror a toda a pressão moral ou fisica, que externamente venha a castigar ou prevenir a heresia; e daí o horror ás legislações civis francamente católicas. Daí o respeito sumo, com que entendem dever ser tra-

tadas sempre as convicções alheias, ainda as mais opostas á verdade revelada; pois para elles são tão sagradas quanto erroneas, como quando verdadeiras, visto que todas nascem do mesmo sagrado principio de liberdade intellectual, em vista do qual se erige em dogma o que se chama tolerancia, e se dita para a polémica católica contra os herejes um novo código de leis, que nunca conheceram os grandes polemistas católicos da antiguidade.

Sendo essencialmente naturalista o conceito primário da fé, segue-se daí que há-de ser naturalista todo o seu desenvolvimento no individuo e na sociedade. Daí o apreciar-se a Igreja, a principal e quasi exclusivamente ás vezes, pelas vantagens

de cultura e civilisação, que proporciona aos povos, esquecendo e quasi nunca citando para nada o seu fim primário sobrenatural, que é a glorificação de Deus e a salvação das almas. Daquêle falso conceito apparecem eivadas várias apologias católicas, que se escrevem na época actual. De sorte que, para essas tais, se o Catholicismo tivesse por infelidade ocasionado algures um atraso material para os povos, já não seria verdadeira nem louvavel, em boa lógica, uma tal religião.

E tanto assim podia ser, que indubitavelmente para alguns individuos e familias tem sido occasião de verdadeira ruina material a fidelidade à sua região, sem que ela por isso deixasse de ser coisa muito excelente e divina.

24

QUO VADIS

Depois quiz protestar contra o que Pomponia dissera da velhice.

— Não ha dúvida que a velhice nos surpreenda no melhor da vida — exclamou — mas a sua chegada depende em grande parte do género de vida que se leva, e, a falar a verdade, ha pessoas a quem o tempo parece ter esquecido.

Havia boa dose de sinceridade nas palavras de Petronio, pois ainda que Pomponia tivesse entrado na idade madura, conservava a frescura da tez, e como tinha a cabeça pequena e as feições delicadas, apesar do seu vestido negro, e do ar triste e melancolico, apresentava um aspecto em certo modo juvenil.

O menino, que tinha uma certa familiaridade com Vinicio, desde que ele morara em sua casa, convidou-o a jogar a bola. Atraz do pequeno entrara Lygia no triclinio. Petronio levantou-se, inclinou a cabeça deante da donzela e pronunciou as palavras com que Ulysses saudou a Nausica. Até a Pomponia agradou a gentil galanteria daquele mundano. E Lygia respondeu com as palavras de Nausica, e fugiu como espantada.

Desta feita foi Petronio que ficou assombrado; não esperava ouvir versos de Homero em lábios de uma rapariga de origem barbara.

Voltou a cabeça para Pomponia, acompanhando este movimento de um olhar interrogativo: mas ella limitou-se a sorrir para seu marido, em cujo semblante se lia o orgulho e a satisfação que experimentava.

Apesar dos seus preconceitos de antigo romano que o levavam a protestar contra o emprego e a diffusão da lingua grega, ficou comtudo lisongead, vendo que Lygia, pela qual sentia carinhos de pai, respondera naquele idioma, e precisamente com versos de Homero, pois considerava o seu conhecimento como o pinaculo e o « non plus ultra » da cultura.

— Temos aqui um professor de grego para o nosso filho — volveu Aulo dirigindo-se a Petronio — e Lygia assiste ás lições. Por enquanto porém, ainda é muito creança... Adoramo-lo.

RECTIFICAÇÃO

Já depois de impressas a 1.ª e 4.ª página, verificámos que, por uma lamentável troca de composição, se publicou novamente o anúncio de « Concurso », da Camara Municipal de Aveiro, datado de 4 de junho, que também indevidamente tinha sido publicado no nosso último número.

Ficam, por esta forma, sem efeito as publicações deste número e do de 14 do corrente, do que pedimos desculpa.

E' este o critério que dirige a pena da maior parte dos periódicos liberais, que, se lamentam a demolição dum templo, só apontam nisso a profanação da arte; se advogam as ordens religiosas, não fazem mais que ponderar os benefícios que prestarem às letradas; se exaltam a Irmã da Caridade, é apenas em consideração aos humanitários serviços com que suavisa os horrores da guerra; se admiram o culto, é apenas em atenção ao seu brilho exterior e á sua poesia; se na literatura católica respeitam as Sagradas Escrituras, é fixando-se apenas na sua magestosa sublimidade.

Deste modo de encarecer as coisas católicas unicamente por sua grandeza, beleza, utilidade ou excelencia material, segue-se em boa lógica que merece iguais louvores o erro, quando reunir tais condições, como sem duvida as reúne aparentemente em mais de uma occasião algum dos falsos cultos.

A malefica acção deste principio naturalista até chega á piedade, convertendo-a em verdadeiro pietismo, isto é, em falsificação da piedade verdadeira. Assim o vemos em tantas pessoas, que não buscam nas práticas religiosas mais que a emoção, o que é puro sensualismo da alma e mais nada. Assim apparece inteiramente desvirtuado hoje em dia em muitas almas o ascetismo cristão, que é a purificação do coração por meio do enfraquecimento dos appetes, e desconhecido o misticismo cristão, que não é a emoção, nem a consolação interior, nem alguma outra dessas delicias humanas, se não a união com Deus por meio da sujeição á sua santissima vontade, e por meio do amor sobrenatural.

Por isso é catholicismo liberal, ou melhor, catholicismo falso, grande parte do catholicismo usado hoje por certas pessoas. Não é catholicismo, é mero Naturalismo, é Racionalismo puro, é Paganismo com linguagem e formas católicas, se nos permitem a expressão.

QUO VADIS

21

— E tu, Petronio, mofaste de Cesar por essa decisão?...

— Ah! isso não! Dei-lhe a entender que se Orphen com o seu canto lograva amansar as feras, não era menor triunfo o de fazer adormecer a Vespasiano. Póde-se sem perigo criticar a Nero, uma vez que com a critica se mistura uma boa dose de lisonja. A nossa elegante Augusta Popeia conhece ás mil maravilhas esta arte.

— Que tempos estes! — exclamou Aulo. — Olha: faltam-me dois dentes incisivos que um bretão me arrancou com uma pedrada; desde então a minha fala tornou-se sibilante; e sem embargo foi na Bretanha que passei os dias mais felizes da minha vida.

— Porque resplandeceram com as tuas victorias — interrompeu Vinicio.

Mas Petronio, receando que o velho militar se engolfasse na exposição das suas campanhas, apressou-se a mudar de conversa. Contou que uns camponeses tinham achado nos arredores de Praeneste o cadaver de um lobo novo com duas cabeças; que durante a tempestade que dois dias antes estalara, uma faisca arrancara uma pedra de uma das esquinas do templo de Diana, coisa realmente extraordinária nos fins de Outubro; e que um certo Cota, que lhe dera tais noticias, acrescentara que os sacerdotes consideram o facto como presagio de desventuras, como, por exemplo, a destruição da cidade ou a ruina de alguma casa poderosa, e que só com pingues oferendas aos deuses poderiam escorrer-se.

Aulo observou que não era prudente menosprezar os avisos das divindades e que não seria para estranhar que elas estivessem irritadas á conta da maldade dos homens, cujos crimes excediam toda a medida, acrescentando que talvez fosse possível anteparar e impedir a sua vingança oferecendo sacrificios propiciatórios.

Ao que Petronio respondeu: — A tua casa, Plaucio, não é grande, apesar de morar nela um grande homem; a minha está de harmonia com o seu mesquinho proprietário. Mas ainda que se tratasse